

Ato público

Pavilhão dos Sportes. Madri, Espanha.

27 de Setembro de 1981

Nota:

Convidado pela Comunidade para o Desenvolvimento Humano de distintos países, Silo empreendeu uma gira de difusão participando em vários eventos públicos. Suas exposições foram acompanhadas pelas de seus amigos Bittiandra Aiyappa, Saky Binudin, Petur Gudjonsson, Nicole Myers, Salvatore Puledda e Danny Zuckerbrot.

O núcleo das idéias apresentadas por Silo em Madri se repetiu em Barcelona, Reykjavik, Frankfurt, Copenhague, Milão, Colombo, Paris e Cidade do México. Neste livro se incluem somente as intervenções nos atos públicos de Madri e Bombaim.

Faz tempo me disseram: por que não explicas o que pensas? Então expliquei. Depois disso, outros disseram: não tens direito de explicar o que pensas, então me calei. Passaram doze anos e novamente me disseram por que não explicas o que pensas? Assim que o farei novamente, sabendo de antemão que outra vez se dirá: não tens direito de explicar o que pensas.

Nada novo se disse então; nada novo se dirá hoje

E bem, que se disse então? Se disse: sem fé interna há temor, o temor produz sofrimento, o sofrimento produz violência, a violência produz destruição; portanto a fé interna evita a destruição.

Nossos amigos falaram hoje sobre o temor, o sofrimento, a violência e o niilismo como máximo expoente de destruição. Também falaram sobre a fé em si mesmos, nos demais e no futuro. Disseram que é necessário modificar a direção destrutiva que tomam os acontecimentos mudando o sentido dos atos humanos. Além disso, e como coisa fundamental, disseram como fazer tudo isto; de modo que nada novo se agregará hoje.

Somente gostaria de fazer três reflexões. Uma sobre o direito que nos assiste para explicar nosso ponto de vista; outra sobre como chegamos a esta situação de crise total e por último, aquela que nos permita tomar uma resolução imediata e operar uma mudança de direção em nossas vidas. Esta resolução deveria concluir com um compromisso em todo aquele que esteja de acordo com o dito.

Pois bem! Que direito nos assiste para explicar nosso ponto de vista e obrar em consequência? Em primeiro lugar, nos assiste o direito de diagnosticar o mal atual de acordo com nossos elementos de juízo, ainda que não coincidam com os estabelecidos. Em tal sentido dizemos que ninguém tem direito a impedir novas interpretações baseando-se em verdades absolutas. E a respeito de nossa ação, por que haveria de ser ofensiva para outros sendo que não interferimos em suas atividades? Se em algum lugar do mundo se impede ou se deforma o que dizemos e o que fazemos, nós poderemos dizer que aí existe má fé, absolutismo e mentira. Por que não deixar que a verdade corra livremente e que as pessoas livremente informadas possam elegir o que lhes pareça razoável?

E então! Por que fazemos o que fazemos? Responderei em poucas palavras: fazemos como supremo ato moral. Nossa moral se baseia neste princípio: “trata os demais como queres que te tratem”. E se como indivíduos queremos o melhor para nós, estamos exigidos por este imperativo moral a dar a outros o melhor. Quem são os outros? Os outros são os mais próximos, e ali onde cheguem minhas possibilidades reais de dar e de modificar, ai está meu próximo; e se minha possibilidade de dar e de modificar chegarem a todo o mundo, o mundo seria meu proximo. Mas, seria um despropósito preocupar-me declamativamente pelo mundo se minhas possibilidades reais chegarem só até meu vizinho. Por isso, há

uma exigência mínima em nosso ato moral e é a de esclarecer ou agir cada qual em seu âmbito imediato. E é contrário à esta moral não fazê-lo, asfixiando-se num individualismo sem saída. Esta moral dá uma direção precisa às nossas ações e, além disso, fixa claramente a quem estão dirigidas. E quando falamos de moral nos referimos a um ato livre, à possibilidade de fazê-lo ou não fazê-lo e dizemos que este ato está por cima de toda necessidade e toda mecanicidade. Este é nosso ato livre, nosso ato moral: “trata os demais como queres que te tratem”. E nenhuma teoria, nenhuma desculpa está por cima deste ato livre e moral. Não é nossa moral a que está em crise, são outras morais que estão em crise, não a nossa. Nossa moral não se refere a coisas, a objetos, a sistemas, nossa moral se refere à direção dos atos humanos.

Mas há outro ponto que devo tratar agora e se refere à situação de crise a que chegamos. Como sucedeu tudo isto e quem foram os culpados? Não farei disso uma análise convencional. Aqui não haverá ciência nem estatística. Colocarei em imagens que cheguem no coração de cada qual.

Sucedeu há muito tempo que floresceu a vida humana neste planeta. Então, e com o correr dos milênios, os povos foram crescendo separadamente e houve um tempo para nascer, um tempo para gozar, um tempo para sofrer e um tempo para morrer. Indivíduos e povos, construindo, foram substituindo-se até que herdaram por fim a terra. E dominaram as águas do mar e voaram mais velozes que o vento e atravessaram as montanhas e com vozes de tormenta e luz de sol mostraram seu poder. Então viram de muito longe seu planeta azul, amável protetor velado por suas nuvens. Que energia moveu tudo? Que motor pôs o ser humano na história, senão a rebelião contra a morte? Porque já desde antigo, a morte como sombra acompanhou seu passo. E também desde antigo entrou nele e quis ganhar seu coração. Aquilo que no princípio foi continua luta movida pelas necessidades próprias da vida, depois foi luta movida por temor e por desejo. Dois caminhos se abriram: o caminho do sim e o caminho do não. Então, todo pensamento, todo sentimento e toda ação, foram conturbados pela dúvida do sim e do não. O sim criou tudo aquilo que fez superar o sofrimento. O não agregou dor ao sofrimento. Nenhuma pessoa, ou relação, ou organização ficou livre de seu interno sim e de seu interno não. Depois os povos separados foram ligando-se e, por fim, as civilizações ficaram conectadas; o sim e o não de todas as línguas invadiram de maneira simultânea os últimos cantos do planeta.

Como vencerá o ser humano a sua sombra? Por acaso fugindo dela? Por acaso enfrentando-a em incoerente luta? Se o motor da história é a rebelião contra a morte, rebela-te agora contra a frustração e a vingança. Deixa, por primeira vez na história de buscar culpados. Uns e outros são responsáveis do que uma vez fizeram, mas ninguém é culpado do que sucedeu. Tomara que neste juízo universal se possa declarar: “não existem culpados”, e se estabeleça como obrigação moral para cada ser humano, reconciliar-se com seu próprio passado. Isso começará aqui hoje em ti e serás responsável de que isto continue entre aqueles que te rodeiam, assim até chegar ao último rincão da Terra.

Se a direção de tua vida não tem mudado, necessitas fazê-lo; mas se já mudou necessitas fortalecê-la. Para que tudo isso seja possível, acompanha-me em um ato livre, valente e profundo que seja ademais uma reconciliação. Vai até teus pais, até seu ser amado, teus companheiros, amigos e inimigos e diga lhes com o coração aberto: “Alguma coisa grande e nova passou hoje em mim”, e explica-lhes, então, esta mensagem de reconciliação. Gostaria de repetir estas frases: Vai até teus pais, até seu ser amado, teus companheiros, amigos e inimigos e diga lhes com o coração aberto: “Alguma coisa grande e nova passou hoje em mim”, e explica-lhes, então, esta mensagem de reconciliação.

Para todos: Paz , Força e alegria.